



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**PLANTAS MEDICINAIS USADAS NO TRATAMENTO DE DOENÇAS
GINECOLÓGICAS NO NORDESTE DO BRASIL: UMA REVISÃO**

ANDREIA MAGNÓLIA MARQUES NUNES

SERRA TALHADA-PE

2022

ANDREIA MAGNÓLIA MARQUES NUNES

**PLANTAS MEDICINAIS USADAS NO TRATAMENTO DE DOENÇAS
GINECOLÓGICAS NO NORDESTE DO BRASIL: UMA REVISÃO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, em exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof. Dra. Valdeline Atanazio da Silva

SERRA TALHADA-PE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- N972p Nunes, Andreia Magnólia Marques
Plantas medicinais usadas no tratamento de doenças ginecológicas no Nordeste do Brasil: uma revisão
/ Andreia Magnólia Marques Nunes. - 2022.
44 f.
- Orientadora: Valdeline Atanazio da Silva.
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, , Serra
Talhada, 2022.
1. Etnobotânica. 2. Saúde da mulher. 3. Ginecologia. I. Silva, Valdeline Atanazio da, orient. II. Título

CDD

ANDREIA MAGNÓLIA MARQUES NUNES

**PLANTAS MEDICINAIS USADAS NO TRATAMENTO DE DOENÇAS
GINECOLÓGICAS NO NORDESTE DO BRASIL: UMA REVISÃO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, em exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof. Dra. Valdeline Atanazio da Silva

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Valdeline Atanazio da Silva (Presidente/Orientadora)

UFRPE/UAST

Prof. Dr. André Laurênio de Melo (2º titular)

UFRPE/UAST

Prof. Dr. Plínio Pereira Gomes Junior (3º titular)

UFRPE/UAST

À minha avó Deodata (*in memoriam*) pois desde pequena me fez acreditar que eu sou capaz e que poderia conquistar tudo aquilo que sempre sonhei.

Com amor, Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Primeiramente a Deus, por me manter forte não só por toda minha vida, mas por todos os dias até o final desta graduação.

Aos meus pais Pedrina Nunes e Waldir Marques por serem meu exemplo de sabedoria e força, em especial a minha mãe por ter sido a maior incentivadora da minha jornada, obrigada pelos conselhos e por me inspirar a ser a melhor todos os dias.

As minhas irmãs, Andressa e Amanda por serem minha luz e alegria, meu poço de amor e cuidado, obrigada por me apoiarem em tudo. As minha sobrinhas Aylla Sophia e Analiz por serem minhas salvadoras em tempos nublados, a alegria de vocês me contagia, tia Deia ama muito vocês duas.

Ao meu namorado Jasiel Oliveira, por sempre me incentivar a não desistir, e que sempre acreditou no meu potencial. Por todos os momentos que compartilhamos nessa graduação e por me mostrar forte, te amo.

As minhas amigas de graduação: Vitória, Wanubia e Priscila por compartilharem os sofrimentos, medos e angústias nessa graduação, vocês são presentes que a Biologia me deu, obrigada por tornarem essa jornada mais leve.

Imensamente, a minha orientadora Dra. Valdeline Atanzio da Silva, por todos os ensinamentos, incentivos e paciência durante toda a minha jornada acadêmica, por acreditar na minha capacidade e ajudar a tornar esse meu sonho em realidade.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada por proporcionar ensino de qualidade, pela vivência acadêmica e aos professores do Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas gratidão pelos ensinamentos compartilhados.

E a todos que de forma direta ou indireta, contribuíram nessa caminhada até a conclusão deste curso, sou muito grata a todos(as).

“É justamente no ordinário que encontramos espaço para sermos moldados e então podemos viver alguns momentos extraordinários”.

(Fernanda Witwytzky)

RESUMO

Os cuidados na saúde feminina representam uma parte fundamental no fortalecimento das práticas de cuidados femininos, e encontra-se uma grande diversidade de plantas que podem ajudar nestas condições biológicas. Desta forma, este trabalho teve por objetivo registrar, por meio de levantamento de literatura, as principais plantas medicinais utilizadas no tratamento de doenças ginecológicas no Nordeste do Brasil, com base em artigos publicados entre os anos 2000 a 2021. Para esta pesquisa, foram utilizadas as bases de dados: Scientific Electronic Library Online – SciELO, google acadêmico, Scopus, Web of Science, com as seguintes palavras-chave: etnobotânica and mulher, “medicinais and mulher”, medicinal and ginecológicas, “plantas medicinais” and nordeste e etnobotânica and caatinga. Foram pesquisados trabalhos etnobotânicos que tratavam do uso das plantas medicinais para o tratamento de doenças ginecológicas. Um total de 47 artigos foram selecionados para esta revisão, observou-se 269 espécies vegetais, sendo as mais citadas foram: *Astronium urundeuva* (Allemão) Engl. (15 citações), *Ruta graveolens* L. (14), *Ximenia americana* L. (13), *Anacardium occidentale* L. (10), *Ageratum conyzoides* L., *Scoparia dulcis* L. (8) e *Plantago major* L., *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng, *Schinus terebinthifolia* Raddi (6). As principais espécies são em sua maioria (66,67%) nativas. Foram registrados 133 problemas ginecológicos e os principais são: inflamação uterina (com 85 citações), seguida pelo uso abortivo e corrimento vaginal (62), inflamação (57) e cólica menstrual (53). De modo geral, pouco se conhece sobre o uso dos recursos vegetais e este trabalho visa sintetizar o conhecimento sobre a diversidade de plantas e usos cultural da região, como também um melhor entendimento sobre a utilidade das plantas nos tratamentos de doenças ginecológicas.

Palavras-chave: etnobotânica; saúde da mulher; ginecologia

ABSTRACT

Women's health care represents a fundamental part of strengthening women's care practices, and there is a great diversity of plants that can help in these biological conditions. Thus, this study aimed to record, through a literature survey, the main medicinal plants used in the treatment of gynecological diseases in Northeast Brazil, based on articles published between the years 2000 to 2021. For this research, we used the databases: Scientific Electronic Library Online – SciELO, academic google, Scopus, Web of Science, with the following keywords: ethnobotany and woman, “medicinal and woman”, medicinal and gynecological, “medicinal plants” and northeast and ethnobotany and caatinga. Ethnobotanical works dealing with the use of medicinal plants for the treatment of gynecological diseases were researched. A total of 47 articles were selected for this review, 269 plant species were observed, the most cited were: *Astronium urundeuva* (Allemão) Engl. (15 citations), *Ruta graveolens* L. (14), *Ximenia americana* L. (13), *Anacardium occidentale* L. (10), *Ageratum conyzoides* L., *Scoparia dulcis* L. (8) and *Plantago major* L., *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng, *Schinus terebinthifolia* Raddi (6). The main species are mostly (66.67%) native. A total of 133 gynecological problems were recorded and the main ones were: uterine inflammation (with 85 citations), followed by abortifacient use and vaginal discharge (62), inflammation (57) and menstrual cramps (53). In general, little is known about the use of plant resources and this work aims to synthesize knowledge about the diversity of plants and cultural uses in the region, as well as a better understanding of the usefulness of plants in the treatment of gynecological diseases.

Keywords: ethnobotany; women's health; gynecology.

LISTA DE TABELA

TABELA 1. Principais espécies citadas na literatura para o tratamento de problemas ginecológicos e seus usos no Nordeste brasileiro. N - nativa; E - exótica.....17

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 USO DE PLANTAS MEDICINAIS.....	13
2.2 USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO CUIDADO DA MULHER.....	14
3 MATERIAL E MÉTODOS.....	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	17
5 CONCLUSÕES	31
6 REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

As plantas são usadas como recursos para o tratamento de doenças desde o começo das sociedades humanas (GOMES *et al.*, 2008; LIMA; GOMES, 2014; SILVA *et al.*, 2020; VIANA; RAMOS, 2019), sendo uma das práticas mais antigas, passadas de geração a geração, possuindo grande importância para comunidades locais, nas quais, por muito tempo foram o principal método usado para tratar a saúde da população e de suas famílias (BADKE *et al.*, 2012; GOMES *et al.*, 2008; SILVA *et al.*, 2020).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declara que nos países em desenvolvimento 80% da população depende da medicina tradicional para tratamentos básicos de saúde, e destes 85% fazem o uso de plantas (MINISTERIO DA SAÚDE, 2006). E para promover o crescimento da prática terapêutica fitoterápica pelo país, a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos foi criada em 2006 no Brasil, visando garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos e, promover o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional (BRASIL, 2016).

O Brasil é um dos países com a maior biodiversidade do mundo, considerado também por possuir a maior biodiversidade genética vegetal do planeta, sendo uma rica fonte para novas substâncias bioativas para o desenvolvimento de novos fármacos e inovações tecnológicas (BERLINCK, 2012; MAGALHÃES, 2019; RIBEIRO *et al.*, 2014). E grande parte dessas plantas medicinais, principalmente as nativas, são promissoras do ponto de vista medicinal, porém permanecem sendo usadas e repassadas tradicionalmente (BRANDÃO; GOMES; NASCIMENTO, 2006; MAGALHÃES, 2019).

No Nordeste do país, o uso de plantas medicinais como prática terapêutica é frequente, tanto no meio urbano como rural, sendo mais comum principalmente nas áreas rurais (MOSCA; LOIOLA, 2009; ROQUE; ROCHA; LOIOLA, 2010). Um dos fatores que determinam este destaque é que boa parte da população desta região do Brasil é economicamente carente, usufruindo das plantas como recurso para a cura dos seus problemas de saúde (MATOS, 2002; MOSCA; LOIOLA, 2009).

As mulheres são o grupo que mais faz o uso de plantas medicinais, para tratamento de diversas doenças, incluindo os cuidados na saúde feminina (PACHECO, 2021; PEREIRA, 2019). O conhecimento feminino tem influência e se destaca na transmissão deste saber (BADKE *et al.*, 2012).

Em 2004, o Ministério da Saúde criou a Política Nacional de Atenção Integral à saúde da Mulher (PNAISM), visando a implementação de ações que auxiliam na garantia dos direitos das mulheres, reduzindo assim a mortalidade, e também os problemas ginecológicos (BRASIL, 2004).

O uso de plantas medicinais na saúde da mulher, representa uma parte fundamental no fortalecimento das práticas de cuidados femininos, pois encontra-se uma grande diversidade de plantas que podem ajudar nestas condições biológicas (ANDRADE *et al.*, 1996). Embora, pouco se conheça sobre o uso desses recursos, em relação ao tratamento de doenças relacionadas à saúde da mulher (GOMES *et al.*, 2008; SOUZA *et al.*, 2012).

Em vista da importância da utilização e diversidade de plantas medicinais, este trabalho teve por objetivo registrar as principais plantas medicinais utilizadas no tratamento de doenças ginecológicas no Nordeste do Brasil, através de levantamento da literatura, sobre esses recursos como método de tratamento pelas mulheres, de modo a identificar e descrever quais são as principais doenças ginecológicas relatadas e as plantas relacionadas a sua cura ou tratamento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 USO DE PLANTAS MEDICINAIS

Os recursos vegetais são utilizados pelo homem ao longo da sua história e evolução, seu uso para a prática medicinal se tornou um cuidado tradicional, passando assim, de geração a geração, as formas de tratamento e, os cuidados para os males que acometiam a população (BADKE *et al.*, 2016; ROCHA *et al.*, 2015; VIANA; RAMOS, 2019).

Dados dessa utilização são descritos entre muitas civilizações. Registros chineses, egípcios e gregos relatam o uso de plantas como recurso terapêutico desde 4.000 a.C, e o primeiro registro médico é de 2.100 a. C, que apresenta uma coleção de fórmulas de trinta diferentes drogas de origem animal, vegetal e mineral (COWEN; HELFAND, 1990).

O uso medicinal de plantas para tratamento de doenças no Brasil, tem influência das culturas indígenas, africana e europeia (BADKE *et al.*, 2016; MARTINS *et al.*, 2000; VIEIRA, 2012) e, essas culturas, contribuíram não só nos princípios que direcionam a cura das enfermidades, como também essas tradições guardam elementos da diversidade das etnias, sendo importantes na permanência dessas culturas que representam as matrizes da formação do povo brasileiro (SANTOS, 2000; VIEIRA, 2012).

Nas últimas décadas, o reaparecimento da medicina baseada na prática de plantas medicinais vem surgindo nos países desenvolvidos, apesar dos avanços da medicina moderna (MATOS *et al.*, 2008). Nos Estados Unidos, houve um aumento do consumo de produtos naturais como alternativa medicinal (VEIGA JUNIOR; PINTO; MACIEL, 2005), na Europa, esse uso é mais disseminado, especialmente na Alemanha (MATOS *et al.*, 2008).

Com base na tradição familiar, ao longo território brasileiro, o uso de recursos naturais tornou-se uma prática comum na medicina popular, tanto em ambientes rurais, quanto nos urbanos (ROCHA *et al.*, 2015), onde em ambos os casos essa medicina é considerada uma terapia complementar ou uma alternativa, para melhorar a qualidade de vida para muitas dessas comunidades (VIANA; RAMOS, 2019).

A importância de usar recursos naturais como uma opção de cuidado, é devido ao seu baixo custo, e é observado em trabalhos como os de Santos *et al.* (2009), para problemas bucais; Lopes *et al.* (2010), hipertensão; Borges, Bautista e Guilera (2008) e Santos, Nunes e Martins (2012), para diabetes; Santana e Silva (2015), para ansiedade; Araújo *et al.* (2012), em doenças respiratórias; Zardeto-Sabec *et al.* (2019), no tratamento do câncer, em específico o de mama como em Silva, Da Silva e De Paiva (2021) e Dell'Antonio *et al.* (2015). Estudos como esses abrem caminho para novas descobertas, como por exemplo, no desenvolvimento de novos medicamentos, sendo de extrema importância para as pesquisas farmacológicas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

No Nordeste as plantas medicinais são bastante utilizadas pelas comunidades locais, urbanas e rurais (GOMES *et al.*, 2008; LEITE *et al.*, 2015), como também fazem parte de muitos serviços básicos de saúde familiar (ANDRADE *et al.*, 1996), e às vezes, são o único recurso para a população, devido ao alto custo dos fármacos comercializados e em virtude da dificuldade ao acesso a outros serviços de saúde (SILVA *et al.*, 2020). As comunidades rurais, estão mais ligadas a essa prática por dependerem diretamente desses recursos vegetais em seus cuidados, e a utilização das espécies nessa região depende dos sintomas e de sua disponibilidade (MAGALHÃES, 2019; ROQUE; ROCHA; LOIOLA, 2010).

2.2 USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO CUIDADO DA MULHER

A ginecologia natural surgiu na América Latina, com o objetivo de resgatar os conhecimentos tradicionais das mulheres sobre os cuidados íntimos, sendo uma área ampla e traz técnicas que ajudam as mulheres nesse autocuidado (ZARDETO, 2022). Aliás, Pereira (2019) em seu trabalho ressalta que as mulheres fazem uso contínuo de plantas medicinais, e que alcançam bons resultados nos seus tratamentos. Porém, essa temática ainda é pouco explorada, e evidencia a necessidade de ampliação do uso dessa assistência (ANSALONI *et al.*, 2021).

De acordo com Nalumansi, Kamatenesi-Mugisha e Anywar (2017), 80% da população africana faz uso de plantas medicinais para problemas de saúde reprodutiva.

No Brasil, a utilização de plantas medicinais com finalidade de tratar doenças relacionadas à saúde da mulher, é uma prática comum entre mulheres que não possuem outros meios disponíveis, sendo uma opção de tratamento para muitas dessas doenças ginecológicas (TEIXEIRA *et al.*, 2014). Essa prática é observada em diferentes artigos, como os de Silva, Silveira e Gomes (2016) e Freitas, Costa e Celestino (2016), para indicações e tratamento de problemas ginecológicos; Oliveira (2016a) e Silva *et al.* (2020), que apontam a fitoterapia como uma intervenção na saúde da mulher; Mengue, Mentz e Schenkel (2001), plantas medicinais consumidas na gravidez; Duarte *et al.* (2018), usadas durante a gravidez e na amamentação; e como Nunes e Silva (2021), no uso de plantas abortivas. Silva *et al.* (2020) ainda salientam que as espécies medicinais podem ser usadas para diminuir os sinais da menopausa, tratamento da infertilidade, infecções ginecológicas e de distúrbios hormonais.

Essas mulheres procuram prevenir e tratar cada caso com os recursos terapêuticos disponíveis, visando a garantia da melhor qualidade de vida (FREITAS; COSTA; CELESTINO, 2016). Mas, seu uso prolongado pode trazer efeitos adversos (CARVALHO *et al.*, 2013), e pouco se conhece sobre a relação destas plantas no tratamento destas afecções ginecológicas.

No sul do país, Lima *et al.* (2014a) mostraram que as mulheres se associam às plantas medicinais nos cuidados à saúde, e as consideram eficientes. Em um trabalho feito no Pará, Matos *et al.* (2008) observaram que das 200 mulheres entrevistadas, 80% delas fazem o uso de plantas medicinais diariamente, sendo as espécies *Peumus boldus*, *Veronica sp.*, *Stryphnodendron rotundifolium* e *Carapa guianensis* as mais usadas por elas (MATOS *et al.*, 2008). Em um estudo feito na Paraíba, foi registrado o conhecimento de 70 espécies vegetais para fins ginecológicos, descrito por mulheres na sua maioria idosas (SOARES, 2015). Esse comportamento mostra que o costume popular ainda é muito presente na vida das mulheres, visto que no contexto atual do país (político e socioeconômico), as mulheres ainda enfrentam questões relacionadas a essas práticas integrativas de saúde (OLIVEIRA, 2016b).

3 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica com uma abordagem qualitativa, no qual foi pesquisado em diferentes bases de dados on-line sobre as plantas usadas como recurso medicinal para o tratamento de doenças ginecológicas no Nordeste do Brasil.

Realizou-se, entre os meses de fevereiro a julho de 2022, uma busca por trabalhos que apresentaram informação sobre a utilização de plantas medicinais para uso ginecológico, no Nordeste do Brasil. Foram selecionados artigos científicos relacionados ao tema, levantados nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online – SciELO, Google acadêmico, Scopus, Web of Science. Empregando-se nesta pesquisa as seguintes palavras-chave: etnobotânica and mulher, medicinais and mulher, medicinal and ginecológicas, “plantas medicinais” and nordeste, e etnobotânica and caatinga, com base em artigos publicados entre os anos 2000 e 2021.

Ao final deste levantamento 47 artigos foram organizados em uma planilha Excel. Esse total foi resultado da triagem que levou em consideração estudos etnobotânicos ou não, mas que citavam o uso das plantas medicinais no tratamento de doenças ginecológicas. Como critério de exclusão, ficaram de fora da análise trabalhos confusos, com problemas de identificação de espécies (sem identificação ou com nomes incorretos), monografias, teses, dissertações e revisões da literatura, realizados fora da data de inclusão e do Nordeste do Brasil.

Elaborou-se no programa Microsoft Excel, planilhas com os compilados dos trabalhos analisados para análise dos dados.

E para confirmar a identificação botânica das mesmas, além de encontrar as origens das espécies (nativas ou exóticas) foi utilizado o site <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2020> e tropicos.org.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Plantas usadas pro tratamento ginecológico

Um total de 269 espécies vegetais foram registradas (252 identificadas) para o tratamento de problemas ginecológicos ou saúde da mulher, em diferentes grupos (indígenas, quilombolas, comunidades rurais, colônia de pescadores, donas de casa, feirantes, raizeiros e curandeiras) no Nordeste do Brasil. Os informantes apresentaram idades variando entre 18 e 97 anos.

As plantas mais citadas (tabela 1), foram: *Astronium urundeuva* (Allemão) Engl. (15 citações), *Ruta graveolens* L. (14), *Ximenia americana* L. (13), *Anacardium occidentale* L. (10), *Ageratum conyzoides* L., *Scoparia dulcis* L. (8) e *Plantago major* L., *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng, *Schinus terebinthifolia* Raddi (6), sendo a maioria delas (66,67%) nativas. Essas espécies destacaram-se em outros estudos referentes ao uso de plantas para tratamento ginecológico no Nordeste, como o de Pereira (2019) e Freitas, Costa e Celestino (2016) no Ceará, que também destacaram *Astronium urundeuva*, como a planta medicinal mais citada, sendo importante para tratar doenças ginecológicas.

Entre as espécies mais citadas, as que apresentaram maior diversidade de usos respectivamente são: *Astronium urundeuva* (Allemão) Engl. (21 usos), *Anacardium occidentale* L. (20), *Ximenia americana* L. (18), *Ageratum conyzoides*, L. (15), *Plantago major* L., e *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng (14), *Ruta graveolens* L.(12), *Schinus terebinthifolia* Raddi (11) e *Scoparia dulcis* L. (9) (tabela 1).

TABELA 1. Principais espécies citadas na literatura para o tratamento de problemas ginecológicos e seus usos no Nordeste brasileiro. N - nativa; E - exótica.

Espécie - origem	Usos	Fonte
<i>Astronium urundeuva</i> (Allemão) Engl. - N	Inflamação, corrimento vaginal, controle do fluxo menstrual, resguardo, pós-parto, doenças sexuais, ginecológico, inflamação uterina e ovariana,	Almeida e Silva (2020); Baptistel <i>et al.</i> (2014); Brito e Evangelista (2020); Cartaxo (2009); Carvalho e Servio Junior (2014); Correia (2017); Oliveira

	inflamação vaginal e genital, cicatrização de parto, útero, raladura, contraceptivo, inflamação de mulher, cisto no ovário, mioma, ferida no útero, coceira e infecção do aparelho geniturinário feminino.	<i>et al.</i> (2012); Ribeiro <i>et al.</i> (2014); Roque, Rocha e Loida (2010); Santos <i>et al.</i> (2012); Silva <i>et al.</i> (2012); Silva <i>et al.</i> (2015); Silva, Silveira e Dos Santos (2016); Soares (2015).
<i>Ruta graveolens</i> L. - E	Cólicas menstruais, emenagogo, redução do fluxo menstrual, resto de parto, mulher parida, doença de mulher, descer a menstruação, resguardo, pós-parto, ingrediente da “meladinha de mulher parida”, limpeza uterina pós-parto, cólicas.	Baptistel <i>et al.</i> (2014); Cartaxo (2009); Coelho, Silva e Macedo (2010); Costa Neto <i>et al.</i> (2005); Neto Galvão <i>et al.</i> (2021); Silva <i>et al.</i> (2008); Ribeiro <i>et al.</i> (2014); Rodrigues e Andrade (2014); Silva <i>et al.</i> (2012); Silva, Regis e Almeida (2012); Silva (2015); Soares (2015); Sousa e Silva (2015); Vieira (2012).
<i>Ximenia americana</i> L. - N	Inflamação no trato genital feminino, cólica menstrual, inflamação no útero, infecção do aparelho geniturinário feminino, vaginite, corrimento vaginal, dor pélvica, feridas, ovário micropolicístico, regular ciclo menstrual, inflamação, inflamação nos ovários, raladura, ferida no útero, cicatrizante, coceira, cisto no ovário e inflamação ginecológica.	Almeida (2011); Cartaxo (2009); Carvalho e Servio Junior (2014); Chaves e Barros (2012); Macêdo <i>et al.</i> (2015); Oliveira <i>et al.</i> (2012); Oliveira (2016b); Ribeiro <i>et al.</i> (2014); Silva (2015); Silva, Silveira e Dos Santos (2016); Soares (2015); Souza <i>et al.</i> (2020).
<i>Anacardium occidentale</i> L. - N	Inflamação no útero, corrimento vaginal, dor pélvica, feridas, ovário micropolicístico, regular ciclo menstrual, ginecológico, inflamações, raladura, candidíase, inflamação pélvica, ferida uterina e cicatrização, pós cirúrgico (parto), inflamação no ovário, coceira, pós-parto banho de asseio, tratamento de afecções ginecológicas, leucorreia, ferimento.	Ataíde <i>et al.</i> (2007); Almeida (2011); Lisboa <i>et al.</i> (2017); Oliveira (2016b); Paiva <i>et al.</i> (2017); Ribeiro <i>et al.</i> (2014); Santos <i>et al.</i> (2012), Silva, Silveira e Dos Santos (2016); Soares (2015); Sousa e Silva (2015).
<i>Ageratum conyzoides</i> L. - N	Corrimento vaginal, resguardo, pós-parto, anti-espasmódico menstrual, candidíase, inflamação pélvica, ferida uterina, cicatrização, menopausa, emenagogo, inflamação do útero, inflamações, cólicas menstruais, problemas de mulher, antiinflamatório.	Coelho, Silva e Macedo (2010); Moreira <i>et al.</i> (2002); Costa Neto <i>et al.</i> (2005); Neto Galvão <i>et al.</i> (2021); Oliveira; Oliveira e Andrade (2010); Paiva <i>et al.</i> (2017); Silva <i>et al.</i> (2015); Silva, Silveira e Dos Santos (2016).

<i>Scoparia dulcis</i> L. - N	Combate de cólicas menstruais, emenagoga, infecção do aparelho geniturinário feminino, puerpério, útero, abortiva, ginecológica, inflamações no útero, problemas uterinos.	Baptistel <i>et al.</i> (2014); Correia (2017); Marinho, Silva e Andrade (2011); Neto Galvão <i>et al.</i> (2021); Oliveira, Oliveira e Andrade (2010); Silva <i>et al.</i> (2015); Silva, Silveira e Dos Santos (2016); Sousa e Silva (2015).
<i>Plantago major</i> L. - E	Doença de mulher, corrimento vaginal, dor pélvica, inflamação uterina, feridas, ovário micropolicístico, regular ciclo menstrual, queimadura na vagina, candidíase, ferida uterina, inflamação pélvica, inflamação de mulher, para evitar inflamação de mulher parida, problemas no sistema reprodutor feminino.	Coelho, Silva e Macedo (2010); Silva <i>et al.</i> (2012); Neto Galvão <i>et al.</i> (2021); Oliveira (2016b); Paiva <i>et al.</i> (2017); Silva, Regis e Almeida (2012).
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng. - E	Inflamações, raladura, miomas, contraceptivo, inflamação uterina, aumenta menstruação, inflamação de mulher, corrimento vaginal, dor pélvica, inflamação no ovário, afinar o sangue, cisto no ovário, ferida no útero (cicatrizante), coceira.	Cartaxo (2009); Costa e Marinho (2016); Oliveira (2016); Silva <i>et al.</i> (2012); Silva, Silveira e Dos Santos (2016); Soares (2015).
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi - N	Inflamação no útero, ginecológico, banho de asseio, inflamação vaginal, candidíase, inflamação pélvica, ferida uterina, cicatrização e coceira, corrimento vaginal, ferimentos genitais.	Almeida (2011); Borges <i>et al.</i> (2021); Lisboa <i>et al.</i> (2017); Oliveira, Oliveira e Andrade (2010); Oliveira (2016b); Paiva <i>et al.</i> (2017).

Fonte: autoria do próprio autor.

Astronium urundeuva é a espécie mais citada, e é mencionada em comunidades rurais (ALMEIDA; SILVA, 2020; BRITO; EVANGELISTA, 2020; CARTAXO, 2009; CARVALHO; SERVIO JUNIOR, 2014; CORREIA, 2017; RIBEIRO *et al.*, 2014; ROQUE; ROCHA; LOIOLA, 2010; SANTOS *et al.*, 2012; SILVA, 2015; SILVA *et al.*, 2015), quilombola (SILVA *et al.*, 2012), por informantes chaves (SOARES, 2015), mulheres residentes em bairros urbanos (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016), e agricultoras (OLIVEIRA *et al.*, 2012). O uso de plantas medicinais por comunidades rurais é comum no Nordeste do país (LÂVOR; LAVOR; SANTOS, 2021; SILVA *et al.*, 2014), e, segundo Silva *et al.* (2014) são importantes por sua alta versatilidade.

Seu principal uso foi para inflamação do útero (CARVALHO; SERVIÓ JUNIOR, 2014; RIBEIRO *et al.*, 2014; SILVA *et al.*, 2015; SOARES, 2015), inflamações (OLIVEIRA *et al.*, 2012; SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016; SOARES, 2015). Seguido de inflamação ovariana (CARTAXO, 2009; RIBEIRO *et al.*, 2014), corrimento vaginal (OLIVEIRA *et al.*, 2012; SOARES, 2015) e para o uso ginecológico em geral (RIBEIRO *et al.*, 2014; SANTOS *et al.*, 2012). Também foram observados usos relacionados ao parto, como o resguardo (SILVA, 2015), pós-parto (CORREIA, 2017), e cicatrização de parto (ALMEIDA; SILVA, 2020). Outras indicações foram para controle do fluxo menstrual (OLIVEIRA *et al.*, 2012), contraceptivo e raladura (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016), doenças sexuais (BRITO; EVANGELISTA, 2020), inflamação vaginal (ALMEIDA; SILVA, 2020), útero (ROQUE; ROCHA; LOIOLA, 2010), inflamação genital (CARTAXO, 2009), inflamação de mulher (SILVA *et al.*, 2012), ferida no útero, coceira, cisto no ovário e mioma (SOARES, 2015), e infecção do aparelho geniturinário feminino (BAPTISTEL *et al.*, 2014). Isto mostra a diversidade de uso da espécie.

Em um estudo etnobotânico com mulheres interioranas, sobre tratamentos de afecções ginecológicas no Nordeste, Pereira (2019) destacou que *Astronium urundeuva* é usada para tratar inflamação uterina, corroborando-se aqui o observado para a espécie. O estudo feito com mulheres por Campos (2008) validou o uso ginecológico da aroeira, no tratamento das patologias diagnosticadas como a cervicite e ectopia, na forma de creme vaginal.

Ruta graveolens, a segunda planta mais citada, foi mencionada por comunidades rurais (BAPTISTEL *et al.*, 2014; CARTAXO, 2009; COELHO; SILVA; MACEDO, 2010; RIBEIRO *et al.*, 2014; RODRIGUES; ANDRADE, 2014; SILVA *et al.*, 2008; SILVA, 2015), quilombolas (SILVA *et al.*, 2012; SILVA; REGIS; ALMEIDA, 2012), vendedores em mercado público (VIEIRA, 2012), informantes chaves mulheres (SOARES, 2015) e por mulheres idosas (SOUSA; SILVA, 2015).

A sua principal utilização foi para cólica menstrual (BAPTISTEL *et al.*, 2014; CARTAXO, 2009; RODRIGUES; ANDRADE, 2014; NETO GALVÃO *et al.*, 2021; RIBEIRO *et al.*, 2014; SOARES, 2015; VIEIRA, 2012), nos usos em relação ao fluxo menstrual e para descer a menstruação (COSTA NETO *et al.*, 2005; SILVA *et al.*, 2008), redução do fluxo menstrual (SOUSA; SILVA, 2015), anti-hemorrágico

(SOARES, 2015), emenagogo (CARTAXO, 2009), e usos relacionados ao parto como pós-parto (COELHO; SILVA; MACEDO, 2010; SOARES, 2015), resguardo (COELHO; SILVA; MACEDO, 2010; SILVA, 2015), mulher parida (SILVA *et al.*, 2008; SILVA; REGIS; ALMEIDA, 2012), limpeza uterina pós-parto (COSTA NETO *et al.*, 2005; NETO GALVÃO *et al.*, 2021; SILVA *et al.*, 2012); aumentar contração (SILVA *et al.*, 2012), ingrediente da “meladinha de parida” (COSTA NETO *et al.*, 2005). Outras doenças também foram citadas como coceira e corrimento (SOARES, 2015) e doença de mulher (SILVA; REGIS; ALMEIDA, 2012).

Os estudos etnobotânicos anteriores feitos no Nordeste, como por Silva e Andrade (1998) mostram o uso de *Ruta graveolens*, na forma de chá para a diminuição da cólica menstrual, por mulheres indígenas, além de outras indicações, como dor de cabeça e dor de ouvido. A espécie, também aparece em trabalhos de Agra, Freitas e Barbosa-Filho (2007) e Agra *et al.* (2008) para o aborto e contra amenorria.

Alguns trabalhos descrevem os riscos de plantas medicinais utilizadas para a saúde da mulher, como o de Gorril *et al.* (2016) que destaca espécies que geram riscos a gravidez e uma delas está a arruda (*Ruta graveolens* L.) como abortiva. Isso corrobora com outros trabalhos como de Silva *et al.* (2012), que falam sobre os efeitos abortivos da espécie, e o de Rodrigues *et al.* (2011) que afirmam que a espécie tem efeito embriotóxico, sendo aconselhado evitá-la no período da pós-implantação.

Ximenia americana, foi citada por comunidades rurais (BAPTISTEL *et al.*, 2014; CARTAXO, 2009; CARVALHO; SERVIO JUNIOR, 2014; CHAVES; BARROS, 2012; MACÊDO *et al.*, 2015; RIBEIRO *et al.*, 2014; SILVA, 2015), por quilombolas (ALMEIDA, 2011; OLIVEIRA, 2016b), feirantes (SOUZA *et al.*, 2020) e agricultoras (OLIVEIRA *et al.*, 2012). É frequentemente usada para inflamação do útero (CARVALHO e SERVIO JUNIOR, 2014; MACÊDO *et al.*, 2015; OLIVEIRA, 2016b; RIBEIRO *et al.*, 2014; SILVA, 2015; SOARES, 2015; SOUZA; BASTOS; SANTOS, 2020), inflamações (OLIVEIRA *et al.*, 2012; SOARES, 2015; SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016), inflamação de ovários (CHAVES; BARROS, 2012; SOARES, 2015) e corrimento vaginal (OLIVEIRA, 2016b; SOARES, 2015). Também é utilizada em outros tratamentos, como de inflamação no trato genital feminino (ALMEIDA, 2011), inflamação ginecológica (RIBEIRO *et al.*, 2014), infecção do aparelho geniturinário feminino e vaginite (BAPTISTEL *et al.*, 2014), dor pélvica, feridas e ovário micro

policístico (OLIVEIRA, 2016b), ferida no útero, coceira, cicatrizante e cisto no ovário (SOARES, 2015), e nos cuidados durante o ciclo menstrual como em cólicas menstruais (CARTAXO, 2009), e, para regular o ciclo menstrual (OLIVEIRA, 2016b).

A *Ximenia americana* também se destacou no estudo de Albergaria, Silva e Silva (2019), feito em comunidades rurais no Nordeste do país. O trabalho de revisão de Quirino *et al.* (2019) destaca a *Ximenia americana* como uma das espécies conhecidas para tratar diversas infecções ginecológicas, apresentando ação antimicrobiana, anti-inflamatória e cicatrizante ginecológica. E relacionando com a aplicação do uso ginecológico, a pesquisa feita por Pereira (2019) mostra que 9,7% das mulheres descreveram a ameixa (*Ximenia americana*) para tratar inflamação uterina, corrimento vaginal, cólica menstrual e dor pélvica. E além das similaridades no uso da saúde feminina, os trabalhos de Agra, Freitas e Barbosa-Filho (2007) e Agra *et al.* (2008) trazem outros usos desta espécie com diurético e para inflamação prostática para o Nordeste.

Anacardium occidentale, é mencionada por quilombolas (ALMEIDA, 2011; LISBOA *et al.*, 2017; OLIVEIRA, 2016b), comunidades rurais (RIBEIRO *et al.*, 2014; SANTOS *et al.*, 2012), informantes chaves mulheres (SOARES, 2015), colônia de pescadores (PAIVA *et al.*, 2017), e por mulheres em áreas urbanas (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016), em diversos usos. No tratamento ginecológico (SANTOS *et al.*, 2012; SOUSA; SILVA, 2015), corrimento vaginal (OLIVEIRA, 2016b; PAIVA *et al.*, 2017; SOARES, 2015), para inflamação no útero (ALMEIDA, 2011; OLIVEIRA, 2016b; SOARES, 2015), inflamação no ovário (RIBEIRO *et al.*, 2014; SOARES, 2015) e inflamações (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016; SOARES, 2015). Também é usada em ferimento (ATAÍDE *et al.*, 2007; OLIVEIRA, 2016b), ferida uterina e cicatrizante (PAIVA *et al.*, 2017; SOARES, 2015), na recuperação do parto (pós cirúrgico e para o banho de asseio pós-parto) (LISBOA *et al.*, 2017; SOARES, 2015), dor pélvica, ovário micropolicístico e regulador do ciclo menstrual (OLIVEIRA, 2016b), raladura (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016), candidíase e inflamação pélvica (PAIVA *et al.*, 2017), coceira (SOARES, 2015) e leucorreia (ATAÍDE *et al.*, 2007).

Alguns desses usos também são observados nos trabalhos de Aragão (2018) que cita *Anacardium occidentale* contendo ação cicatrizante e amenizadora em irritações vaginais. Já Silva e Andrade (1998) no levantamento de plantas usadas

pelos índios Xucurus, observaram que estes indígenas usam frequentemente o chá das folhas para este tratamento. Ao levantar espécies arbóreas da caatinga Silva e Albuquerque (2005) constataram que a espécie *A. occidentale* possui uma alta versatilidade, em relação aos usos medicinais, como também é observado neste trabalho.

Ageratum conyzoides, foi citado por comunidades rurais (COSTA NETO *et al.*, 2005; COELHO; SILVA; MACEDO, 2010; MOREIRA *et al.*, 2002; SILVA *et al.*, 2015), comunidades urbanas (NETO GALVÃO *et al.*, 2021; OLIVEIRA; OLIVEIRA; ANDRADE, 2010), colônia de pescadores (PAIVA *et al.*, 2017) e por mulheres em bairros urbanos (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016). Observou-se o seu uso para tratar problemas de mulher (MOREIRA *et al.*, 2002), como corrimento vaginal (COSTA NETO *et al.*, 2005; PAIVA *et al.*, 2017), resguardo, pós-parto (COELHO; SILVA; MACEDO, 2010), antiespasmódico menstrual (OLIVEIRA, OLIVEIRA; ANDRADE, 2010), candidíase, inflamação pélvica, ferida uterina, cicatrização e menopausa (PAIVA *et al.*, 2017), emenagogo (SILVA *et al.*, 2015), inflamação do útero (NETO GALVÃO *et al.*, 2021), inflamação e cólicas menstruais (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016), e anti-inflamatório (COSTA NETO *et al.*, 2005).

Em revisão realizada por Agra, Freitas e Barbosa-Filho (2007) e Agra *et al.* (2008), a inflamação ovariana também é descrita para a espécie, como também outras enfermidades como a dismenorréia e a amenorréia. Outros usos foram registrados *A. conyzoides* para ovulação dolorosa (cólica de mulher) e aborto incompleto (MAGALHÃES, 2019).

Scoparia dulcis, é citada por comunidades rurais (BAPTISTEL *et al.*, 2014; CORREIA, 2007; MARINHO; SILVA; ANDRADE, 2011; SILVA *et al.*, 2015), comunidades urbanas (NETO GALVÃO *et al.*, 2021; OLIVEIRA; OLIVEIRA; ANDRADE, 2010), mulheres em bairros urbanos (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016) e mulheres idosas (SOUSA; SILVA, 2015). destacou-se o uso destinado ao aumento do fluxo menstrual tendo efeito emenagoga (MARINHO; SILVA; ANDRADE, 2011; SILVA *et al.*, 2015) e para o útero e problemas uterinos (CORREIA, 2007; NETO GALVÃO *et al.*, 2021). Outros usos mencionados foram o combate a cólicas menstruais (SOUSA; SILVA, 2015), infecção do aparelho geniturinário feminino, no puerpério (BAPTISTEL *et al.*, 2014), como também inflamações do útero (SILVA *et*

al., 2015), doenças ginecológicas (OLIVEIRA; OLIVEIRA; ANDRADE, 2010) e é considerada abortiva (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016).

Scoparia dulcis também aparece em outros trabalhos feitos no Nordeste do país, apresentando sua diversidade pois é usada no tratamento de nove sistemas corporais (MAGALHÃES *et al.*, 2019), e outras indicações são observadas para a planta como amenorréia e vermífugo (AGRA; FREITAS; BARBOSA-FILHO, 2007; AGRA *et al.*, 2008).

Plantago major, é uma das espécies mencionadas por quilombolas (OLIVEIRA, 2016b; SILVA *et al.*, 2012; SILVA; REGIS; ALMEIDA, 2012), comunidade rural (COELHO; SILVA; MACEDO, 2010), comunidade urbana (NETO GALVÃO *et al.*, 2021) e colônia de pescadores (PAIVA *et al.*, 2017). O corrimento vaginal foi a doença mais mencionada (OLIVEIRA, 2016b; PAIVA *et al.*, 2017), observou-se também o uso para problemas no sistema reprodutor feminino em geral (NETO GALVÃO *et al.*, 2021), doença de mulher (SILVA; REGIS; ALMEIDA, 2012), para ovário micropolicístico, dor pélvica, inflamação uterina, feridas, regulação do fluxo menstrual (OLIVEIRA, 2016b), queimadura na vagina (COELHO; SILVA; MACEDO, 2010), candidíase, ferida uterina, inflamação pélvica (PAIVA *et al.*, 2017), inflamações de mulher e também para evitar inflamação de mulher parida (SILVA *et al.*, 2012).

Para o Nordeste do país, trabalhos observam outros contextos para os usos da espécie como em Agra *et al.* (2008), contra diarreias e disenterias como também a decocção e infusão das folhas na forma de gargarejo contra amigdalite. Já em Aragão (2018) observou-se que as mulheres usavam o *Plantago major* para outras indicações como inflamações de boca e faringe.

Plectranthus amboinicus, citada por grupos quilombolas (OLIVEIRA, 2016b; SILVA *et al.*, 2012), comunidade rurais (CARTAXO, 2009; COSTA; MARINHO, 2016), informantes chaves (SOARES, 2015) e mulheres em bairros urbanos (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016). usada principalmente para inflamação uterina (CARTAXO, 2009, COSTA; MARINHO, 2016; OLIVEIRA, 2016b; SOARES, 2015), corrimento vaginal (OLIVEIRA, 2016b; SILVA *et al.*, 2012; SOARES, 2015) miomas e inflamações (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016; SOARES, 2015). Observando também seu uso para raladura, contraceptivo (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS,

2016), aumentar a menstruação, inflamação de mulher (SILVA *et al.*, 2012), dor pélvica (OLIVEIRA, 2016b), inflamação no ovário, afinar o sangue, cisto no ovário, ferida no útero (cicatrizante) e coceira (SOARES, 2015).

A espécie também é citada para o tratamento ginecológico em Pereira (2019), sendo que a maior indicação foi para inflamação uterina corroborando com os resultados deste estudo. Por apresentar ação antimicrobiana, anti-inflamatória e cicatrizante ginecológico. O Malvarisco (*Plectranthus amboinicus*) é uma espécie conhecida no tratamento de infecções vulvovaginais, como a inflamação do colo uterino e corrimento vaginal (QUIRINO *et al.*, 2019). Silva e Andrade (2005) citam a espécie para o tratamento, também, de doenças respiratórias com atividade anti-inflamatória e cicatrizante.

Schinus terebinthifolia, foi referida para diferentes usos por quilombolas (ALMEIDA, 2011; LISBOA *et al.*, 2017; OLIVEIRA, 2016b), raizeiros (BORGES *et al.*, 2021), pescadores (PAIVA *et al.*, 2017) e comunidade urbana (OLIVEIRA; OLIVEIRA; ANDRADE, 2010). O tratamento de corrimento vaginal (BORGES *et al.*, 2021; OLIVEIRA, 2016b; PAIVA *et al.*, 2017) mais se destacou. Outros usos como o ginecológico (OLIVEIRA; OLIVEIRA; ANDRADE, 2010), inflamação no útero (ALMEIDA, 2011), banho de asseio (LISBOA *et al.*, 2017), inflamação vaginal (BORGES *et al.*, 2021), candidíase, inflamação pélvica, ferida uterina, cicatrização, coceira (PAIVA *et al.*, 2017) e ferimentos genitais (OLIVEIRA, 2016b) também foram observados.

Schinus terebinthifolia é citada como anti-inflamatória e cicatrizante em trabalhos direcionados para o Nordeste (BORGES; SALES, 2018; SILVA; ALBUQUERQUE, 2005), isso pode explicar a procura desta planta pelas mulheres. No entanto, ela oferece risco para as mulheres que estão no período gestacional, sendo abortiva (GORRIL *et al.*, 2016).

As partes das plantas mais usadas nos diferentes tratamentos foram: as folhas e cascas (68,08%), seguido por raiz (55,3%), flor (29,7%), fruto (27,6%), planta inteira (21,2%), entrecasca (19,1%), semente (17,02%), ramos (6,3%) e bulbo (4,2%), nos trabalhos levantados. As demais partes que foram observadas são a epiderme, o tubérculo, inflorescência, como também os produtos vegetais, o leite extraído da

haste, a tintura e o óleo. Trabalhos direcionados pro nordeste do país obtiveram resultados parecidos, como em Albergaria, Silva e Silva (2019) a parte mais utilizada foi as cascas e entrecascas, e Pereira (2019) as folhas foram a parte vegetal mais utilizada seguida dos frutos, cascas e raízes.

Ressalta-se, a *Astronium urundeuva* como uma espécie que está na lista vermelha (MARTINELLI; MORAIS, 2013), principalmente porque as várias formas de uso desta espécie podem levá-la ao risco de extinção. Uma das suas formas de extração é a raspagem da casca da árvore (LÂVOR; LAVOR; SANTO, 2021), por ser uma parte com maior acesso por estar disponível durante a maior parte do ano (PEREIRA, 2019). A percepção é que o número de indivíduos da espécie vem diminuindo ao longo dos anos, sendo mais difícil de serem encontradas (DARIO, 2018; LÂVOR; LAVOR; SANTOS, 2021), sendo necessário avaliar os impactos sobre a mesma, para promover práticas que levem a um manejo mais sustentável, garantindo a sua preservação (SILVA; ALBUQUERQUE, 2005; SILVA *et al.*, 2014).

Problemas ginecológicos

Um total de 133 problemas ginecológicos, foram citados referentes à saúde da mulher, e inflamação uterina é a doença com mais indicações (85 citações), seguida pelo uso abortivo e corrimento vaginal (62), inflamação (57) e cólica menstrual (53), as demais doenças tiveram entre 19 à 1 citação.

No tratamento de inflamação uterina foram citadas as espécies *Astronium urundeuva* (15x), *Ximenia americana* (13x), *Anacardium occidentale* (10x), *Plectranthus amboinicus* e *Schinus terebinthifolia* (6x) (tabela 1). Algumas das formas de preparo observadas para o tratamento são, o chá, água e banho feito das cascas, folha e sementes (ALMEIDA, 2011), decocção, lambedor ou sumo das folhas (CARTAXO, 2009) e molho e tintura, usando as folhas, cascas e raízes (OLIVEIRA, 2016b).

Outras espécies são observadas em levantamentos de plantas medicinais usadas no Nordeste do Brasil. Agra *et al.* (2008) relataram para inflamação do útero a maceração ou infusão das folhas e raízes da *Ruellia asperula* Benth. & Hook.f. Agra, Freitas e Barbosa-Filho (2007) descreveram o uso do suco da folha de *Aloe soccotrina* DC., a infusão ou decocção das folhas de *Porophyllum ruderale* (jack) Cass., e a

decoção das raízes de *Loasa rupestris* Gardner em inflamações uterinas. Borges e Sales (2018) em um estudo sobre políticas públicas de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil, observam que a *Schinus terebinthifolia* é uma das espécies ofertadas como fitoterápicos pelo SUS, pois apresenta uma ação cicatrizante e antiinflamatória para uso ginecológico. Estudos comprovam que a *Astronium urundeuva* contém na sua composição o tanino, e o uso dos extratos de sua casca está relacionado com a atividade anti-inflamatória, antimicrobiana e cicatrizante (CABRAL, 2014). E testes fitoquímicos feitos por Silva, Miranda e Conceição (2010) observam o tanino nas suas folhas.

O aborto é o segundo principal problema de saúde feminina registrado. As mulheres apresentam um amplo conhecimento da indicação abortiva (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016), isso porque as plantas são frequentemente relacionadas com o efeito abortivo (RODRIGUES *et al.*, 2011). Por ser um assunto tabu, Soares (2015) observou que algumas das entrevistadas da comunidade de Frei Martinho na Paraíba, evitam fornecer as informações sobre o assunto, no qual alegaram não ter o conhecimento, podendo ser por motivos morais ou religiosos.

As espécies que mais apareceram para esse uso são: *Scoparia dulcis* (8x) (BAPTISTEL *et al.*, 2014; CORREIA, 2017; MARINHO; SILVA; ANDRADE, 2011; NETO GALVÃO *et al.*, 2021; OLIVEIRA; OLIVEIRA; ANDRADE, 2010; SILVA *et al.*, 2015; SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016; SOUSA; SILVA, 2015), *Gossypium herbaceum* (5x) (COSTA NETO *et al.*, 2005; OLIVEIRA, 2016b; PAIVA *et al.*, 2017; SILVA *et al.*, 2012; SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016), *Momordica charantia* (5x) (ALMEIDA, 2004; COITINHO *et al.*, 2002; SILVA *et al.*, 2012; SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016; SOARES, 2015) e *Senna occidentalis* (5x) (BAPTISTEL *et al.*, 2014; SILVA *et al.*, 2012; ROQUE; ROCHA; LOIOLA, 2010; SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016; SOARES, 2015). A forma de chá é mais observada para esse fim, sendo que feita a infusão da raiz (ROQUE; ROCHA; LOIOLA, 2010; SOARES, 2015), chá das flores e raízes (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016) e das folhas (BAPTISTEL *et al.*, 2014).

Estudo de Gorriil *et al.* (2016) também menciona *Momordica charantia* como abortiva e enfatiza ser uma planta medicinal que traz riscos à gestação. Em um trabalho de revisão sobre o uso de plantas abortivas no Nordeste do país, Nunes e

Silva (2021) destacam outras espécies, como a *Luffa operculata*, *Coutarea hexandra*, *Aspidosperma pyrifolium*, *Manihot cf. dichotoma*, *Peumus boldus* e *Anadenanthera colubrina* utilizadas para este fim.

Para o tratamento de corrimento vaginal, as espécies mais citadas foram: *Astronium urundeuva* (15x), *Ruta graveolens* (14x), *Ximenia americana* (13x), *Anacardium occidentale* (10x), *Ageratum conyzoides* (8x) (tabela 1). O corrimento vaginal é um problema que incomoda muito a mulher ao longo da vida (ANDRADE; MEDEIROS, 2021). Uma das formas de uso observada para esse tratamento é a tintura feita das cascas, folhas e raízes (OLIVEIRA, 2016b) e o banho de assento feito da decocção de casca, entrecasca, folhas e flores (PAIVA *et al.*, 2017; SOARES, 2015). Porém, Quirino *et al.* (2019) no seu trabalho de revisão deram destaque ao Corama (*Bryophyllum pinnatum*), sendo utilizado o extrato aquoso como recurso para o tratamento de corrimento vaginal.

Na cura de inflamações, são usadas as espécies *Astronium urundeuva* (15x), *Ximenia americana* (13x), *Anacardium occidentale* (10x), *Ageratum conyzoides* (8x) e *Plectranthus amboinicus* (6x) (tabela 1). É observado, a garrafada e sumo preparado das folhas (SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016), e é feita a decocção ou infusão das folhas, cascas e entrecasca (CARTAXO, 2009) Para o tratamento. Segundo Sganzerla *et al.* (2022) no seu levantamento de plantas medicinais no Brasil, o combate a inflamações está entre os usos mais populares de plantas medicinais. É válido o poder *Astronium urundeuva* para tratamento de inflamações por ela ter ação antimicrobiana comprovada (CABRAL, 2014). E Silva e Andrade (2005) descreveram que a *Anacardium occidentale* possui atividades anti-inflamatória e cicatrizante, usadas para tratar inflamações.

As cólicas menstruais são tratadas pelas espécies *Ruta graveolens* (14x), *Ximenia americana* (10x), *Ageratum conyzoides* e *Scoparia dulcis* (8x) que se destacaram para esse uso (tabela 1). De acordo com Andrade e Medeiros (2021) o sangramento uterino (anormal ou irregular) é considerado um distúrbio menstrual, e podem servir de marcadores de risco para morbidades reprodutivas. Observou-se para as espécies a decocção ou infusão das folhas, casca e entrecasca (CARTAXO, 2009; SILVA; SILVEIRA; DOS SANTOS, 2016) e sumo das folhas (SOARES, 2015) como a forma de preparo para o combate da enfermidade. O estudo realizado por

Silva e Andrade (1998) mostrou o uso de *Ruta graveolens*, na forma de chá para diminuição de cólicas menstruais, e mencionam outra planta a *Borreria verticillata* para cólica menstrual, sendo utilizada pelas mulheres na forma de chá da raiz ou da planta toda como forma de diminuir as cólicas menstruais.

Entre os problemas levantados, um ponto que é muito importante quando se fala de saúde da mulher, embora não tenha sido um grupo de destaque, são os cuidados no parto (pré-parto, parto e pós-parto). As indicações que mais apareceram para este grupo foram o resguardo (10 indicações) e o pós-parto (9 indicações). As espécies que mais apareceram para esses cuidados foram *Astronium urundeuva* (15x), *Ruta graveolens* (14x) e *Ageratum conyzoides* (8x) (Tabela.1).

Outros cuidados que estão relacionados ao cuidado do parto para as espécies mencionadas são, a cicatrização do parto para *Astronium urundeuva* (ALMEIDA; SILVA, 2020) e *Ruta graveolens* usada para restos de parto, mulher parida (SILVA; REGIS; ALMEIDA, 2012), limpar os restos de útero (SILVA *et al.*, 2012). limpeza pós-parto (COSTA NETO *et al.*, 2005) e limpeza uterina pós-parto (NETO GALVÃO *et al.*, 2021). O modo de preparo mais observado para as espécies é o chá, como também o banho de assento para os cuidados mencionados (CORREIA, 2017; COSTA NETO *et al.*, 2005; NETO GALVÃO *et al.*, 2021; SILVA, 2015; SOARES, 2015). Observou-se a garrafada como uma das formas de preparo indicada para o pós-parto para *Astronium urundeuva*, com suas cascas sendo colocadas de molho em água como modo de preparo (CORREIA, 2017). Também é observado para *A. conyzoides* e *R. graveolens* o xarope como forma de preparo para o resguardo e pós-parto (COELHO; SILVA; MACEDO, 2010).

O conceito de que o uso de plantas medicinais não traz riscos, por ser natural é comum, isso pode levar riscos à saúde de quem utiliza (CARVALHO *et al.*, 2020). Os riscos de intoxicação são grandes, principalmente na gestação e estão relacionados aos efeitos teratogênicos, embriotóxico e abortivos de espécies de plantas medicinais consumidas nesse período (GORRIL *et al.*, 2016). Nunes, Costa e Oliveira (2022) observaram que 78% das mulheres fazem uso de plantas medicinais durante a gestação, sendo que 61,3% delas não sabem que o uso indevido destas plantas pode fazer mal durante a gravidez.

Além disso, as mulheres têm confiança na utilização das plantas medicinais durante a gestação, justamente por pensar nelas como naturais (CARVALHO *et al.*, 2020). Estudos descrevem que o uso da *Ruta graveolens*, por exemplo, uma das espécies mais observadas neste trabalho, traz riscos à saúde da mulher, principalmente durante a gravidez, por ter como um dos seus efeitos principais o abortivo (GORRIL *et al.*, 2016; SILVA *et al.*, 2012) e o embriotóxico (RODRIGUES *et al.*, 2011). Andrade e Medeiros (2021) destacam a priorização dos cuidados da saúde da mulher pelos sistemas de saúde, sendo de grande relevância social e epidemiológica, principalmente nos campos da saúde reprodutiva, com uma atenção maior no planejamento reprodutivo, pré-natal, parto e puerpério (BRASIL, 2016).

5 CONCLUSÕES

Um total de 269 espécies vegetais (252 identificadas) são citadas para o tratamento ginecológico no Nordeste do Brasil.

As espécies mais citadas foram: *Astronium urundeuva*, *Ruta graveolens*, *Ximenia americana*, *Anacardium occidentale*, *Ageratum conyzoides*, *Scoparia dulcis*, *Plantago major*, *Plectranthus amboinicus* e *Schinus terebinthifolia*.

Entre as espécies mais citadas, *Astronium urundeuva* e *Anacardium occidentale* são mais diversas. Servindo para: *Astronium urundeuva* (Inflamação, corrimento vaginal, controle do fluxo menstrual, resguardo, pós-parto, doenças sexuais, ginecológico, inflamação uterina e ovariana, inflamação vaginal e genital, cicatrização de parto, útero, raladura, contraceptivo, inflamação de mulher, cisto no ovário, mioma, ferida no útero, coceira e infecção do aparelho geniturinário feminino). *Anacardium occidentale* (Inflamação no útero, corrimento vaginal, dor pélvica, feridas, ovário micropolicístico, regular ciclo menstrual, ginecológico, inflamações, raladura, candidíase, inflamação pélvica, ferida uterina e cicatrização, pós cirúrgico (parto), inflamação no ovário, coceira, pós-parto banho de asseio, tratamento de afecções ginecológicas, leucorreia, ferimento).

Dentre as enfermidades mais citadas entre os tratamentos ginecológicos das afecções ginecológicas estão: a inflamação uterina, aborto, corrimento vaginal, inflamação e cólicas menstruais.

Além dos problemas levantados, os cuidados relacionados ao parto como o pré-parto, parto e pós-parto, se mostraram importantes para os cuidados relacionados à saúde da mulher, apesar de eles não terem sido um grupo de destaque.

6 REFERÊNCIAS

- AGRA, M. De F. *et al.* Survey of medicinal plants used in the region Northeast of Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, [S.l.], v. 18, n. 3, p. 472–508, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-695X2008000300023&lng=en&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 15 set. 2022.
- AGRA, M. De F.; FREITAS, P. F. De; BARBOSA-FILHO, J. M. Synopsis of the plants known as medicinal and poisonous in Northeast of Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 114–140, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-695X2007000100021&lng=en&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 15 set. 2022.
- ALBERGARIA, E. T. De; SILVA, M. V. Da; SILVA, A. G. Da. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em comunidades rurais do município de Lagoa Grande, Pernambuco, Brasil. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 137–154, 2019. Disponível em: <http://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revistafitos/article/view/713>. Acesso em: 15 set. 2022.
- ALMEIDA, C. F. C. B. R. de. **Etnobotânica nordestina: estratégia de vida e composição química como preditores do uso de plantas medicinais por comunidades locais na caatinga**. 2004. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Programa de Pós-graduação em biologia vegetal, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/832/1/arquivo4710_1.pdf. Acesso em: 05 jul. 2022.
- ALMEIDA, C.; SILVA, B. Estudo etnobotânico de plantas medicinais da Mata Ciliar do Submédio São Francisco, Nordeste do Brasil. **Revista Ouricuri**, Juazeiro-BA, v. 10, n. 1, p. 011-026, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri/article/download/8514/7388>. Acesso em: 06 jul. 2022.
- ALMEIDA, V. S. **Uso, manejo e estrutura da vegetação da caatinga por duas comunidades quilombolas do município de Jeremoabo**. Tese (Doutorado em Botânica) - Universidade Estadual De Feira De Santana, Bahia, 2011. Disponível em: http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/1066/2/Almeida_tese_2011.pdf. Acesso em: 06 jul. 2022.
- ANDRADE, T. J. A. *et al.* **Plantas medicinais e a saúde da mulher**. Universidade Federal do Piauí, 1996. Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/20463>. Acesso em: 14. fev. 2022.
- ANSALONI, L. V. S. *et al.* A ginecologia natural como alternativa a um modelo médico tradicional: uma revisão integrativa / Natural gynecology as an alternative to a traditional medical model: an integrative review. **Brazilian Journal of Development**. [S. l.], v. 7, n. 1, p. 1276–1291, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n1-087. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/22654>. Acesso em: 11 set. 2022.

ARAGÃO, V. M. **Fitoterápicos e plantas medicinais na prática de promoção da saúde da mulher: revisão integrativa**. 2018. Monografia (Departamento de Enfermagem) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38381/1/2018_tcc_vmarag%C3%A3o.pdf. Acesso em: 02 ago. 2022.

ARAÚJO, K. R. M. *et al.* Plantas medicinais no tratamento de doenças respiratórias na infância: uma visão do saber popular. **Rev Rene**, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 659-666, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324027982019.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2022.

ATAÍDE, R. D. A. *et al.* USE OF REMEDIES PRODUCED BY WOMEN OF THE FAMILY HEALTH PROGRAM. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 126, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/5307>. Acesso em: 05 jul. 2022.

BADKE, M. R. *et al.* Saber popular: uso de plantas medicinais como forma terapêutica no cuidado à saúde. **Rev enferm UFSM**, [S.l.], v. 6, n. 2, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marcio-Badke-2/publication/351236780_SABER_POPULAR_USO_DE_PLANTAS_MEDICINAIS_COMO_FORMA_TERAPEUTICA_NO_CUIDADO_A_SAUDE/links/615cef9c50be55072887d441/SABER-POPULAR-USO-DE-PLANTAS-MEDICINAIS-COMO-FORMA-TERAPEUTICA-NO-CUIDADO-A-SAUDE.pdf. Acesso em: 16 jun. 2022.

BADKE, M. R. *et al.* Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. **Texto & Contexto-Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, p. 363-370, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000200014>. Acesso em 28 jan. 2022.

BAPTISTEL, A. C. *et al.* Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Santo Antônio, Currais, Sul do Piauí: um enfoque etnobotânico. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, [s. l.], v. 16, n. 2 suppl 1, p. 406–425, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722014000500014&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 06 jult. 2022.

BERLINCK, R. G. de S. Bioprospecção no Brasil: um breve histórico. **Ciência e Cultura**, [S.l.], v. 64, n. 3, p.27-30, 2012. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252012000300010&script=sci_arttext. Acesso em: 22 jun. 2022.

BORGES, D. Q. S. *et al.* Etnobotânica de plantas medicinais comercializadas por raizeiros em uma cidade do sertão da Bahia, Brasil / Ethnobotanics of medicinal plants from herb sellers operating in a city in the hinterland of Bahia, Brazil. **Brazilian Journal of Development**, [S.l.], v. 7, n. 12, p. 121161–121173, 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/42109>. Acesso em: 05 jul. 2022.

BORGES, F. V.; SALES, M. D. C. Políticas públicas de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: sua história no sistema de saúde. **Pensar Acadêmico**. Manhuaçu, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 13-27, 2018. Disponível em: <http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/viewFile/18/439>. Acesso em: 02 ago. 2022.

- BORGES, K. B.; BAUTISTA, B. H.; GUILERA, S. Diabetes–utilização de plantas medicinais como forma opcional de tratamento. **Revista Eletrônica de Farmácia**, [S. l.], v. 5, n. 2, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php/REF/article/download/5149/4256>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- BORTOLOTTI, L. M. Etnobotânica de plantas medicinais no assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, [S. l.], v. 25, p. 685-698, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-33062011000300022>. Acesso em: 18 jan. 2022.
- BRANDÃO, M. G. L.; GOMES, C. G.; NASCIMENTO, A. M. Plantas Nativas da Medicina Tradicional Brasileira: Uso Atual e Necessidade de Proteção. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 24-29, 2006. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/18403/2/2.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- BRASIL. DEPARTAMENTO DE AÇÕES PROGRAMÁTICAS ESTRATÉGICAS. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes**, Brasília, 2004. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2007/politica_mulher.pdf. Acesso em: 01 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos / Ministério da Saúde**, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_programa_nacional_plantas_medicinais_fitoterapicos.pdf. Acesso em: 21 jun. 2022.
- BRITO, S. F. De; EVANGELISTA, A. W. L. Plantas medicinais utilizadas na comunidade de Campo Preto, Arneiroz, Ceará. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 434–441, 2020. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/view/8170>. Acesso em: 05 jul. 2022.
- CABRAL, D. L. V. **Potencial antimicrobiano de plantas da caatinga utilizadas na medicina tradicional como anti inflamatórias**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Farmacêuticas) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11930/1/TESE%20Daniela%20Lyra%20de%20Vasconcelos%20Cabral.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- CAMPOS, A. C. S. **Estudo do uso do creme vaginal de aroeira do sertão (Myracrodruon urundeuva-Allemao) em pacientes atendidas no ambulatório de ginecologia de uma unidade básica de saúde em Fortaleza**. 2008.. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4185/1/2008_dis_acscampos.pdf. Acesso em: 02 ago. 2022.

- CARTAXO, S. L. **Diversidade e uso de plantas medicinais em uma área de caatinga em Aiuaba-CE, Brasil.** 2009. 103 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Bioprospecção Molecular) – Universidade Regional do Cariri, Crato. Disponível em: <http://www.urca.br/portal2/wp-content/uploads/sites/38/phocadownload/userupload/Dissertacoes/2009/2009-n6-sarah-belle-leitte-cartaxo.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2022.
- CARVALHO, D. A. F.; SERVIO JUNIOR, E. M. PERFIL ETNOBOTÂNICO E IMPACTOS AMBIENTAIS ANTRÓPICOS NA COMUNIDADE RURAL SALINA, EM CAMPO MAIOR-PI. **Revista Ouricuri**, Paulo Afonso, Bahia, v. 4, n. 1, p. 131-154, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri/article/download/6481/4122>. Acesso em: 06 jul. 2022.
- CARVALHO, M. G. *et al.* *Schinus terebinthifolius* Raddi: composição química, propriedades biológicas, e toxicidade. **Revista brasileira de plantas medicinais**, Botucatu, v. 15, p. 158-169, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-05722013000100022>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- CARVALHO, N. S. De; *et al.* Percepção de gestantes quanto ao uso de plantas medicinais e fitoterápicos: uma revisão integrativa da literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, [S.l.], v. 3, n. 4, p. 9282–9298, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/13849/11593>. Acesso em: 15 set. 2022.
- CHAVES, E. M. F.; BARROS, R. F. M. Diversidade e uso de recursos medicinais do carrasco na APA da Serra da Ibiapaba, Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 14, p. 476-486, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/wdK9g6SqZWbvLkKfK3VtyKS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2022.
- COELHO, L.; SILVA, S. L; MACEDO, G. Levantamento Etnobotânico Junto à Comunidade da Região do Rio Preto do Criciúma, no Município de Jequié-BA: uma análise preliminar. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA**, Goiânia, v. 6, n. 09, 2010. Disponível em: <https://conhecer.org.br/ojs/index.php/biosfera/article/view/4758/4638>. Acesso em: 05 jul. 2022.
- CORREIA, J. S. **Análise Etnobotânica Na Reserva Extrativista Chapada Limpa, Chapadinha/Ma, Brasil: Uma Abordagem Sobre O Uso E Conservação De Plantas Na Unidade.** 2017. Trabalho monográfico (Bacharel e Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Maranhão, Chapadinha, 2017. Disponível em: <https://rosario.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/1316/1/J%C3%BAlia%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2022.
- COSTA NETO, E. M. *et al.* Utilização de plantas medicinais relacionadas a eventos do ciclo reprodutivo feminino no distrito de Oliveira dos Campinhos, Santo Amaro, Bahia. **SITIENTIBUS série Ciências Biológicas**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 125-127., 2005. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibusBiologia/article/download/8222/6829>. Acesso em: 06 jul. 2022.

- COSTA, J. C.; MARINHO, M. G. V. Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidades do município de Picuí, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, [S.], v. 18, n. 1, p. 125–134, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722016000100125&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 06 jul. 2022.
- COWEN, D. L.; HELFAND, W. H. **Farmácia: uma história ilustrada**. Mosby, 1990. CUNHA, S. A.;
- DARIO, F. R. Uso de plantas da caatinga pelo povo indígena Pankararu no Estado de Pernambuco, Brasil. **Revista Geotemas**. Pau dos Ferros-RN, v. 8, n. 1, p. 60-76, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/62465273/520200324-68377-1k2eodo.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2022.
- DELL'ANTONIO, L. R. *et al.* O uso de plantas medicinais por mulheres com diagnóstico de câncer de mama em um programa de reabilitação. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, Vitória, v. 17, n. 4, p. 85-97, 2015. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/rbps/article/download/14335/10079>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- DEVIEENNE, K. F.; RADDI, G.; POZETTI, G. L. Das plantas medicinais aos fitofármacos. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, [S.], p. 11-14, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/67754/2-s2.0-6344252512.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- DUARTE, A. F. S. *et al.* O uso de plantas medicinais durante a gravidez e amamentação. **Visão Acadêmica**, [S.], v. 18, n. 4, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/acd.v18i4.55983>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- FREITAS, A. O.; COSTA, E. C.; CELESTINO, J. J. H. Conhecimento de mulheres sobre plantas medicinais utilizadas para tratamento de problemas ginecológicos. 2016. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/565/1/Aline%20de%20Oliveira%20de%20Freitas.pdf>. Acesso 29 jan. 2022.
- GOMES, E. C. S. *et al.* Plantas da Caatinga de uso terapêutico: levantamento etnobotânico. **Engenharia Ambiental**, Espírito Santo, v. 5, n. 2, p. 74 – 85, 2008. Disponível em: <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/engenhariaambiental/viewarticle.php?id=130&layout=abstract>. Acesso em: 01 fev. 2022.
- GORRIL, L. E. *et al.* Risco das plantas medicinais na gestação: uma revisão dos dados de acesso livre em língua portuguesa. **Arq. Cienc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 20, n. 1, p. 67-72, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/5515>. Acesso em: 04 set. 2022.
- LAVÔR, D. T.; LAVOR, I. A.; SANTOS, A. C. V. D. Uso etnobotânico da espécie *Myracrodruon urundeuva* Allemão em comunidades rurais, Pernambuco, Brasil / Ethnobotanical use of the species *Myracrodruon urundeuva* Allemão in rural communities, Pernambuco, Brazil. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, [S.], v. 4, n. 4, p. 6578–6588, 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJAER/article/view/41879>. Acesso em: 15 set. 2022.

- LEITE, I. A. *et al.* A etnobotânica de plantas medicinais no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Biodiversidade**, Rondonópolis, v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/download/2249/1618>. Acesso em: 29 jan. 2022.
- LIMA, Â. R. A. *et al.* Ações de mulheres agricultoras no cuidado familiar: uso de plantas medicinais no sul do Brasil. **Texto & Contexto-Enfermagem**, [S.], v. 23, p. 365-372, 2014a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072014004080012>. Acesso em: 11 set. 2022.
- LIMA, L. O.; GOMES, E. C. Alimento ou medicamento?: Espécies vegetais frente à legislação brasileira. **Revista brasileira de plantas medicinais**, [S.], v. 16, n. 3, p. 771- 782, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1983-084x/%2012_096. Acesso em: 05 mar. 2022.
- LISBOA, M. dos S. *et al.* Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, 2017. Disponível em: <http://www.gnresearch.org/doi/10.5935/2446-4775.20170006>. Acesso em: 05 jul. 2022.
- LOPES, G. A. D. *et al.* Plantas medicinais: indicação popular de uso no tratamento de hipertensão arterial sistêmica (HAS). **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 143-55, 2010. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/download/377/368. Acesso em: 14 fev. 2022.
- MACÊDO, D. G. *et al.* Práticas terapêuticas tradicionais: uso e conhecimento de plantas do cerrado no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, Chile, v. 14, n. 6, p. 491-508, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=85642430007>. Acesso em: 06 jul. 2022.
- MAGALHÃES, K. N. **Plantas medicinais da caatinga do Nordeste brasileiro: etnofarmacopeia do Professor Francisco José De Abreu Matos**. 2019. 220 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Inovação Tecnológica em Medicamentos) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42962/1/2019_tese_knmagalhaes.pdf. Acesso em: 22 jun. 2022.
- MARINHO, M. G. V.; SILVA, C. C.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 13, p. 170-182, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/YJpwwP3dWHb8bsstsFGpMqH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2022.

MARTINS, A. G. *et al.* Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil. **Rev. Bras. Farm**, João Pessoa, v. 86, n.1, p. 21-30, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/MarioJardim/publication/277216695_Levantamento_etnobotanico_de_plantas_medicinais_alimentares_e_toxicas_da_Ilha_do_Combu_Municipio_de_Belem_estado_do_Para_Brasil/links/568bb40a08aebccc4e1c050e/Levantamento-etnobotanico-de-plantasmedicinais-alimentares-e-toxicas-da-Ilha-do-Combu-Municipio-de-Belem-Estado-d-Para-Brasil.pdf. Acesso em: 18 jan. 2022.

MARTINS, E. R. *et al.* **Plantas medicinais**, viçosa: editora UFV. 2000.

MATOS, A. B. T. M. *et al.* Uso empírico de plantas medicinais por mulheres. **Rev. para. med**, [S.], 2008. Disponível em: [Uso empírico de plantas medicinais por mulheres | Rev. para. med;22\(4\)out.-dez. 2008. tab | LILACS \(bvsalud.org\)](http://lilacs.bvsalud.org/revista/revista-para-med/2008/04/out-dez-2008-tab-1). Acesso em: 11 set. 2022.

MATOS, F. J. A. Farmácias vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades. **Editora UFC**, Fortaleza, 4 ed, [s/n], p. 267, 2002.

MENGUE, S. S.; MENTZ, L. A.; SCHENKEL, E. P. Uso de plantas medicinais na gravidez. **Revista brasileira de Farmacognosia**, [S.], v. 11, n. 1, p. 21-35, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbfar/v11n1/a04v11n1.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional De Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília-DF, 2006. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterpicos.pdf. Acesso em: 01 fev. 2022.

MOREIRA, R. C. T. *et al.* Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta farmacêutica bonaerense**, [S.], v. 21, n. 3, p. 205-211, 2002. Disponível em: http://www.latamjpharm.org/trabajos/21/3/LAJOP_21_3_3_1_L8H8YN8M78.pdf. Acesso em: 06 jul. 2022.

MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**, [S.], v. 22, n. 4, p. 225-234, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2371/237117843033.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2022.

NALUMANSI, P.A.; KAMATENESI-MUGISHA, M.; ANYWAR, G. Medicinal Plants used during Antenatal Care by Pregnant Women in Eastern Uganda. **African Journal of Reproductive Health**, [S.], v. 21, n. 4, p. 33–44, 2017.

NETO GALVÃO, M. *et al.* Ethnobotany applied to the selection of medicinal plants for agroecological crops in rural communities in the Southern End of Bahia, Brazil. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, p. 40–57, 2021. Disponível em: <https://revistafitos.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/1091>. Acesso em: 06 jul. 2022.

NUNES, A. M. M.; SILVA, V. A. O uso de plantas abortivas no nordeste brasileiro: uma revisão. **Ethnoscintia: Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia**, Paraíba, v. 6, n. 2, pág. 100-112, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscintia.v6i2.10368>. Acesso em: 29 jan. 2022.

NUNES, J. D.; COSTA, A. R. F. C. Da; OLIVEIRA, K. K. D. De. Utilização de plantas medicinais durante a gestação. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 39–53, 2022. Disponível em: <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/1003>. Acesso em: 15 set. 2022.

OLIVEIRA, A. P. C. O conhecimento tradicional sobre plantas medicinais no âmbito da saúde da mulher: uma perspectiva no contexto do produto tradicional fitoterápico. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 28-31, 2016a. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2446-4775.20160043>. Acesso em: 29 jan. 2022.

OLIVEIRA, A. W. N. **Plantas medicinais para fins ginecológicos**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) - Universidade da Integração Internacional na Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Acarape-CE, 2016b. Disponível em:

<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/568/1/Antonio%20Wendel%20Noqueira%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2022.

OLIVEIRA, C. B. S. *et al.* AS RIQUEZAS DA CAATINGA E SEU POTENCIAL FARMACOLÓGICO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 771–791, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/3799>. Acesso em: 15 set. 2022.

OLIVEIRA, D. R. De. *et al.* Ethnopharmacological usage of medicinal plants in genitourinary infections by residents of Chapada do Araripe, Crato, Ceará–Brazil. **Revista brasileira em promoção da saúde**, Fortaleza, v. 25, n. 3, p. 279-286, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/408/40823864005.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2022.

OLIVEIRA, G. L. De; OLIVEIRA, A. F. M. De; ANDRADE, L. H. C. Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Nordeste do Brasil. **Acta botânica brasileira**, [S. l.], v. 24, p. 571-577, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abb/a/sKjn9pRpMYVm4sdtRxnt8fk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jul. 2022.

PACHECO, M. G. N. **Uso de plantas medicinais no tratamento ou como adjuvantes na saúde ginecológica: uma revisão de literatura**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/33354/1/UsoDePlantas_Pacheco_2021.pdf. Acesso em: 08 ago. 2022.

PAIVA, K. O. *et al.* Plantas medicinais utilizadas em transtornos do sistema geniturinário por mulheres ribeirinhas, Caravelas, Bahia. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 11, 2017. Disponível em: <http://www.gnresearch.org/doi/10.5935/2446-4775.20170019>. Acesso em: 06 jul. 2022.

PEREIRA, M. C. L. **Uso de plantas medicinais para tratamento de afecções ginecológicas por mulheres interioranas**. 2019. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Redenção, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2153/1/MARIA%20CHARLIANNE%20DE%20LIMA%20PEREIRA%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

QUIRINO, K. S. *et al.* UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE INFECÇÕES VULVOVAGINAIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. **Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC)**, [S.], v. 6, 2019. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/eedic/article/download/3811/3279>. Acesso em: 10 set. 2022.

RIBEIRO, D. A. *et al.* Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Campinas, v. 16, p. 912–930, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rbpm/a/k8cDGCLh3WTwtBtYjttCSfs/?lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2022.

ROCHA, F. A. G. *et al.* O uso terapêutico da flora na história mundial. **Holos**, v. 1, p. 49-61, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4815/481547176007.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2022.

RODRIGUES, A. P.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Inhamã, Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Campinas, v. 16, p. 721–730, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rbpm/a/cDJdywDy8tcwts4CNcR467h/?lang=pt>. Acesso em: 06 jul. 2022.

RODRIGUES, H. G. *et al.* Efeito embriotóxico, teratogênico e abortivo de plantas medicinais. **Revista brasileira de plantas medicinais**, Botucatu, v. 13, p. 359-366, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/YdJQyFz3tvsrskHgCfVSq9t/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 08 ago. 2022.

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil). **Revista brasileira de plantas medicinais**, Botucatu, v. 12, p. 31-42, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/vybCNbygcxXyMBvm9gD3jJd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jul. 2022.

SANTANA, G. S.; SILVA, A. M. O uso de plantas medicinais no tratamento da ansiedade. **Centro Universitário São Camilo, São Paulo, SP**, 2015. Disponível em: http://www.saocamilo-sp.br/novo/eventos-noticias/saf/2015/SAF009_15.pdf. Acesso em: 14 fev. 2022.

SANTOS, E. B. *et al.* Estudo etnobotânico de plantas medicinais para problemas bucais no município de João Pessoa, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, [S.], v. 19, n.1B, p. 321-324, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbfar/v19n1b/a24v191b.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SANTOS, F. S. D. Tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazônia. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [S.], v. 6, p. 919-939, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/shvPCndDNbC48RBj8L45nXN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2022.

- SANTOS, M. M.; NUNES, M. G. S.; MARTINS, R. D. Uso empírico de plantas medicinais para tratamento de diabetes. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 14, n. 2, p. 327-334, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbpm/v14n2/12.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- SANTOS, S. L. D. X. *et al.* Plantas utilizadas como medicinais por uma comunidade do semiárido da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Revista brasileira de farmácia**, [S.], 93 (1): 68-79, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/268631580_Plantas_utilizadas_como_mediciniais_por_uma_comunidade_do_semiarido_da_Paraiba_Nordeste_do_Brasil?enrichId=rgreg-1071062f17f2114800979c31bb0a397c-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzI2ODYzMTU4MDtBUzo3MTk3NzYxMzM0MzEyOTZAMTU0ODYxOTQxMTY2MQ%3D%3D&el=1_x_2&esc=publicationCoverPdf. Acesso em: 05 jul. 2022.
- SGANZERLA, C. M. *et al.* REVISÃO INTEGRATIVA APLICADA A LEVANTAMENTOS ETNOBOTÂNICOS DE PLANTAS MEDICINAIS NO BRASIL. **Revista Acta Ambiental Catarinense**, [S.], v. 19, n. 1, p. 01–16, 2021. Disponível em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/acta/article/view/6365>. Acesso em: 15 set. 2022.
- SILVA, A. C. O.; ALBUQUERQUE, U. P. Plantas medicinais arbóreas da caatinga no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Acta Botanica Brasilica**, [S.], v. 19, p. 17-26, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-33062005000100003>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- SILVA, A. J. R.; ANDRADE, L. H. C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral-Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta botanica brasilica**, [S.], v. 19, p. 45-60, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abb/a/xrZg3V3j4M9YxJGhCJsX3zH/>. Acesso em: 02 ago. 2022.
- SILVA, C. G. *et al.* Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Campinas, v. 17, p. 133–142, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rbpm/a/RbRthCYknMgyD7m5yRgXTfH/?lang=pt>. Acesso em: 06 jul. 2022.
- SILVA, D. L.; DA SILVA, J. M.; DE PAIVA, M. J. M. Uso de plantas medicinais no tratamento do câncer de mama. **Brazilian Journal of Development**, [S.], v. 7, n. 11, p. 109718-109725, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/40367>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- SILVA, F. J.; SILVEIRA, A. P.; DOS SANTOS, V. G. Plantas medicinais e suas indicações ginecológicas: estudo de caso com moradoras de Quixadá, CE, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/rbrasbioci/article/download/114678/61974>. Acesso em: 06 jul. 2022.

SILVA, F. J.; SILVEIRA, A. P.; GOMES, V. S. Plantas medicinais e suas indicações ginecológicas: estudo de caso com moradoras de Quixadá, CE, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/rbrasbioci/article/download/114678/61974>. Acesso em: 19 jan. 2022.

SILVA, F. L. A.; OLIVEIRA, R. A. G.; ARAÚJO, E. C. Use of medicinal plants by the elders at a family health strategy. **Journal of Nursing UFPE on-line**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 9-16, 2008. Disponível em: DOI: 10.5205/01012007. Acesso em: 18 jun. 2022.

SILVA, M. C. L. P. *et al.* FITOTERAPIA COMO INTERVENÇÃO EM SAÚDE DA MULHER: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA. **Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 25, out. 2020. ISSN 2176-9133. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/71158>>. Acesso em: 12 set. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.71158>.

SILVA, M. P. **Etnobotânica Na Comunidade Rural Sítio Velho Em Assunção Do Piauí, Brasil: Identificação E Transmissão Do Saber Tradicional**. 2015. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) -. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015. Disponível em: [ETNOBOTÂNICA NA COMUNIDADE RURAL SÍTIO VELHO EM ASSUNÇÃO DO PIAUÍ, BRASIL: IDENTIFICAÇÃO E TRANSMISSÃO DO SABER TRADICIONAL | VETTESES \(bvsalud.org\)](https://bvsalud.org/ETNOBOTANICA_NA_COMUNIDADE_RURAL_SITIO_VELHO_EM_ASSUNCAO_DO_PIAUI_BRASIL_IDENTIFICACAO_E_TRANSMISSAO_DO_SABER_TRADICIONAL_VETTESES). Acesso em: 05 jul. 2022.

SILVA, M. P. L. Da. *et al.* **Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais utilizadas por comunidades rurais de mutuípe-ba integrantes do “projeto ervas”**. 2008. Disponível em: <https://ageconsearch.umn.edu/record/117272/files/309.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2022.

SILVA, N. C. B. *et al.* Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra Il-Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, [S.l.], v. 11, n. 5, p. 435-453, 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=85624131006>. Acesso em: 06 jul. 2022.

SILVA, N. C. B.; REGIS, A. C. D.; ALMEIDA, M. Z. Estudo Etnobotânico em Comunidades Remanescentes de Quilombo em Rio de Contas–Chapada Diamantina-Bahia. **Revista fitos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 02, p. 99-109, 2012. Disponível em: <http://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/download/143/141>. Acesso em: 05 jul. 2022.

SILVA, N. L. A.; MIRANDA, F. A. A.; CONCEIÇÃO, G. M. Triagem fitoquímica de plantas de Cerrado, da área de proteção ambiental municipal do Inhamum, Caxias, Maranhão. **Scientia plena**, [S.l.], v. 6, n. 2, 2010. Disponível em: <https://scientiaplenuemnuvens.com.br/sp/article/download/22/14>. Acesso em: 02 ago. 2022.

SILVA, R. C. *et al.* Plantas medicinais utilizadas na saúde da mulher: riscos na gravidez. **Diálogos & Ciência**, [S.l.], v. 10, n. 32, p. 243–246, 2012. Disponível em: http://dialogos.ftc.br/index.php?option=com_content&task=view&id=334&Itemid=77. Acesso em: 15 set. 2022.

SILVA, V. A.; ANDRADE, L. H. C. Etnobotânica Xucuru: plantas medicinais.1998. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Laise-Andrade-3/publication/294302528_Xucuru_ethnobotany_Medicinal_plants/links/602f30de299bf1cc26d661c7/Xucuru-ethnobotany-Medicinal-plants.pdf. Acesso em: 02 ago. 2022.

SOARES, E. L. **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais com fins ginecológicos no município de Frei Martinho-PB**. 2015. Monografia. Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cuité, 2015. Disponível em:

<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/9222/ELLEM%20LIRA%20SOARES%20-TCC%20LICENCIATURA%20EM%20CI%20C%80%20BIOL%20C%93GICA%20OCES%202015.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 05 jul. 2022.

SOUSA, M. V. F.; SILVA, J. M. A. Consumo de plantas medicinais por mulheres idosas do município de Quixeré (CE). **Revista Baiana Saúde Pública**, [S.l.], v. 39, n. 3, p. 552–559, 2015. Disponível em: http://inseer.ibict.br/rbsp/index.php/rbsp/article/view/1793/pdf_643. Acesso em: 05 jul. 2022.

SOUZA, J. M.; BASTOS, E. M.; SANTOS, K. P. P. ABORDAGEM ETNOBOTÂNICA COM ÊNFASE NAS PLANTAS MEDICINAIS COMERCIALIZADAS NO MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL DE CORRENTE-PI. **Revista de Ciências Ambientais**, Canoas, v. 14, n. 3, p. 85-96, 2020. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Rbca/article/viewFile/6958/pdf>. Acesso em: 05 jul. 2022

SOUZA, V. A. *et al.* As Práticas Integrativas e Complementares na atenção à saúde da mulher. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 9, n. 8, p. e81985379, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5379>. Acesso em: 15 set. 2022.

TEIXEIRA, A. H. *et al.* Conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais no município de Sobral-Ceará, Brasil. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, Sobral, v. 13, n. 1, 2014. Disponível em: <http://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/download/429/284>. Acesso em: 03 fev. 2022.

VEIGA JUNIOR, V. F.; PINTO, A. C.; MACIEL, M. A. M. Plantas medicinais: cura segura?. **Química nova**, [S.l.], v. 28, p. 519-528, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-40422005000300026>. Acesso em: 11 set. 2022.

VIANA, P. O.; RAMOS, A. C. C. A. Utilização de plantas medicinais como ferramenta de estímulo para o resgate de cultura e qualidade de vida. **Revista Saber Científico**, Porto Velho, v. 8, n. 1, p. 89-102, jul. 2019. ISSN 1982-792X. Disponível em: <http://revista.saolucas.edu.br/index.php/resc/article/view/1135>. Acesso em: 28 jan. 2022.

VIEIRA, V. M. S. F. **Etnobotânica de plantas medicinais comercializadas em mercados públicos do nordeste brasileiro**. Dissertação de mestrado, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4282/1/2012_dis_vmsfvieira.pdf. Acesso em: 18 jun. 2022.

ZARDETO, G. **USO DE PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS NA CANDIDÍASE**. 2022. Tese de Doutorado. Universidade Paranaense. Disponível em: <https://presencial.unipar.br/files/arquivos/edital/88c51263427741e023c85a678ff43058.pdf>. Acesso em: 11 set. 2022.

ZARDETO-SABEC, G. *et al.* Plantas medicinais como alternativa no tratamento do câncer. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, Paraná, v. 27, n. 3, p. 75-80, 2019. Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20190805_074024.pdf. Acesso em: 14 fev. 2022.

ZUCCHI, M. R. *et al.* Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Ipameri-GO. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 15, p. 273-279, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-05722013000200016>. Acesso em: 01 fev. 2022.